

ANO I NÚMERO II

CADERNOS SESC DE CIDADANIA

Dia Mundial do Meio Ambiente 5 de junho de 2010

www.sescsp.org.br

SESCSP

Cidades sustentáveis { REPORTAGEM: País avançou pouco em soluções de sustentabilidade na última década, mas a consciência sobre a urgência do problema é cada vez maior { TENDÊNCIAS: Construções que respeitam o entorno estão mais acessíveis { INTERVENÇÃO: Caciporé Torres transforma chapas de metal usadas em obras de arte { ARTIGO: Pedro Jacobi aborda a sustentabilidade no contexto de inchaço das cidades



23 anos de exercício
da cidadania
brincante.

PARA UMA CULTURA DE SUSTENTABILIDADE

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional - SESC SP

“DE UMA CIDADE, NÃO APROVEITAMOS AS SUAS SETE OU setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas.”
(Italo Calvino, *As Cidades Invisíveis*)

Quais os caminhos possíveis para o desenvolvimento econômico socialmente equitativo e ambientalmente sustentável? Qual o futuro das nossas cidades e, nelas, da vida humana?

O empenho em oferecer respostas a essas perguntas passa pelo esquadramento - e pela necessidade de mudança - dos diversos aspectos que configuraram o nosso modo de viver. Atualmente, reavaliamos os ditames sociais, políticos, econômicos, filosóficos, éticos, culturais e educacionais existentes e traçamos ações em busca de caminhos sustentáveis, de modo a escrever uma nova história da humanidade.

Compreender a dimensão ecológica da vida, portanto, é

arrojar-se positivamente no caminho da transformação, de si e do mundo, a partir de uma postura de equilíbrio com o ambiente em sua totalidade. Por isso, a configuração das cidades, hoje hegemonicamente nossos espaços de habitação, precisa ser repensada com a tarefa adicional de encontrar soluções para problemas ambientais, sociais e urbanos.

A aquisição de uma cultura de sustentabilidade coloca em pauta, prioritariamente, o fim da pobreza, a ampliação da cidadania e da educação e a participação da população nos processos decisórios. Esperamos contribuir para esses ideais estimulando o pensamento para novas ações, por meio desta edição dos Cadernos de Cidadania, voltada ao tema das cidades sustentáveis.

E, também, para que tenhamos mais respostas para as nossas perguntas. ■

índice }

p.5 *artigo SESC*

Sociedade enfrenta o imenso desafio de repensar o seu atual modo de vida

p.8 *notas*

Menos de 1% do lixo doméstico de São Paulo é reciclado

p.10 *reportagem especial*

Especialistas avaliam o desempenho do Brasil na construção de uma sociedade mais sustentável

p.18 *intervenção*

O escultor Caciporé Torres fala de seu novo projeto: povoar favelas com obras de arte

p.24 *casa sustentável*

Avanço da tecnologia torna mais acessível a criação de ambientes sustentáveis

p.26 *entrevista*

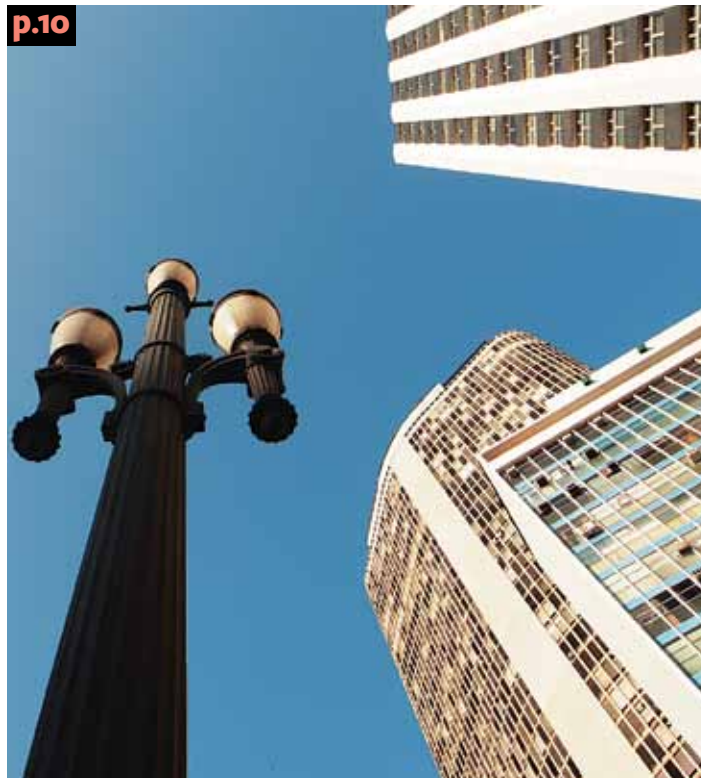
Ladislau Dowbor, economista político, diz que os cidadãos sabem pouco sobre os reais problemas de suas cidades

p.31 *roteiro*

Destaques da programação do SESC SP para o Dia Mundial do Meio Ambiente

p.32 *artigo*

O professor Pedro Jacobi situa a questão da sustentabilidade em ambientes urbanos



Fotos Flavita Valsani



Expediente

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO **Administração Regional no** **Estado de São Paulo**

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES
COMUNICAÇÃO SOCIAL: Ivan Paulo
Giannini TÉCNICO-SOCIAL: Joel
Naimayer Padula ADMINISTRAÇÃO:
Luiz Deoclécio Massaro
Galina ASSESSORIA TÉCNICA E
DE PLANEJAMENTO: Sérgio José
Battistelli

Cadernos SESC de Cidadania

COORDENAÇÃO GERAL: Ivan
Paulo Giannini EDITOR: Hércio
Magalhães SUPERVISÃO GRÁFICA
E EDITORIAL: Karina Musumeci
ASSISTENTE DE SUPERVISÃO GRÁFICA
E EDITORIAL: Kelly Santos GERÊNCIA
DE PROGRAMAS SOCIOEDUCATIVOS:
Maria Alice Oieno de Oliveira
Nassif ADJUNTO: Flávia Roberta
Costa COORDENAÇÃO PROGRAMA DE
EDUCAÇÃO PARA SUSTENTABILIDADE:
Denise S. Baena Segura, Denise
Minichelli Marçon e Fábio Luiz
Vasconcelos GERÊNCIA DE ESTUDOS
E DESENVOLVIMENTO: Marta Raquel
Colabone ADJUNTO: Andréa de
Araújo Nogueira GERÊNCIA DE
RELAÇÕES COM O PÚBLICO: Paulo
Ricardo Martin ADJUNTO: Carlos
Rodolpho T. Cabral CIRCULAÇÃO
E DISTRIBUIÇÃO: Antonio Carlos
Cardoso Sobrinho ADJUNTO: Elvira
de Fátima P. Troiano

EDIÇÃO DE CONTEÚDO E REDAÇÃO:
Renato Essenfelder PROJETO
GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE: Márcio
Freitas ASSISTENTE DE ARTE: Danilo
Braga TRATAMENTO DE IMAGEM:
Gilmara Ruas

A Revista Cadernos SESC de
Cidadania é uma publicação do
SESC São Paulo.
Distribuição gratuita. Nenhuma
pessoa está autorizada a vender
anúncios.

Versão on line em www.sescsp.org.br

Gerência de Artes Gráficas
geatg@sescsp.org.br
Telefone 11 2607-8255

SESCSP
www.sescsp.org.br

EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE: TRAJETÓRIA E TENDÊNCIAS

Gerência de Programas Socioeducativos do SESC SP*

ESTAMOS NA DÉCADA DA EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, como propôs a Organização das Nações Unidas, abrangendo o período de 2005 a 2014. Mas o que isso significa?

Em linhas gerais, há um imenso desafio para a humanidade repensar o seu modo de viver, especialmente nos aglomerados urbanos.

Educação ambiental, socioambiental, para o desenvolvimento sustentável. Diferentes denominações e também concepções sobre ambiente, educação e desenvolvimento resultam em perspectivas variadas de ação que coexistem e podem ser identificadas em discursos e práticas.

Apesar de ter conquistado visibilidade mundial no contexto de enfrentamento de problemas decorrentes da poluição, do desmatamento, da escassez de recursos hídricos, das mudanças climáticas, enfim, da degradação ambiental nas sociedades urbano-industriais, os princípios da educação ambiental tratam essencialmente dos valores humanos de solidariedade e de respeito a todas as formas de vida e responsabilidade compartilhada para cuidar do planeta. “É preciso reconstruir nosso sentimento de pertencer à natureza, a esse fluxo de vida de que participamos”, argumenta a pesquisadora Lucie Sauvé¹.

Com o aprofundamento da discussão a respeito do alcance da educação

ambiental, sua missão deixou de se restringir ao ensino da ecologia e ao ativismo em relação à preservação dos recursos naturais. Sem dúvida, é importante compreender a dimensão ecológica da vida – os ciclos naturais, os fluxos de energia, as inter-relações entre as várias espécies, os estoques de energia, alimentos etc. No entanto, o processo educativo para a sustentabilidade pressupõe outras dimensões igualmente importantes como a cultural, a econômica e a política, que convergem para o grande objetivo de promover a melhoria do ambiente e da qualidade de vida. A educação ambiental tem vocação para a cidadania, na medida em que busca formar pessoas capazes de interpretar o ambiente, dialogar com diferentes segmentos e participar das decisões públicas, reafirmando os laços vitais que sustentam a coletividade.

A trajetória de constituição da educação ambiental como campo de saber e prática social inicia-se em 1977, em Tbilisi (Geórgia), na primeira Conferência Internacional que tratou do tema e definiu suas diretrizes. Já naquela ocasião se entendia que sua ação não se restringia às escolas, mas que era essencial abarcar a educação não formal e os meios de comunicação de massa para alcançar o objetivo de repensar nossa relação com o ambiente.

***A Gerência de Programas Socioeducativos do SESC SP**

responde pelas áreas de Diversidade Cultural, Educação Infanto-Juvenil, Educação para a Sustentabilidade e Turismo Social

¹ “Educação Ambiental: possibilidades e limitações”. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, maio/ago. 2005.



Ilustração Rodrigo Cunha

Em escala global, documentos elaborados na Conferência Internacional Rio 92, como a Agenda 21, que dedica o Capítulo 36 ao tema da educação, o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, além da Carta da Terra, semearam o ideário de valores ambientais e socialmente responsáveis nas práticas educativas e comunitárias, tendo em vista a necessidade de estabelecer diretrizes éticas e sustentáveis para o desenvolvimento humano.

No âmbito das políticas públicas nacionais, destacam-se a criação dos Núcleos de Educação Ambiental no Ibama, desde 1992; o Programa Nacional de Educação Ambiental (Pronea), instituído em 1994 pelos Ministérios da Educação e do Meio Ambiente; a inclusão da educação ambiental nos Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1998; e a aprovação da Política Nacional de Educação Ambiental, em 1999.

No SESC SP, várias ações voltadas

à conservação e à educação ambiental foram realizadas ao longo de sua história. Tanto na promoção de programas permanentes e projetos eventuais de sensibilização e educação ambiental como na adoção de medidas estruturais em seus centros de cultura e lazer, a instituição tem se colocado positivamente frente ao desafio de construir ambientes mais saudáveis e sustentáveis.

O engajamento nas mudanças em direção à sustentabilidade está ao alcance de todos, em menor ou maior escala, e ganha dimensão à medida que se articula em rede. As ações do SESC buscam promover a relação crítica e criativa com a realidade a partir de estímulos à capacidade de as pessoas entenderem as interdependências entre natureza e cultura e recriarem maneiras de convivência humana digna e de respeito à integridade da natureza de forma prazerosa, reflexiva e propositiva.

Neste sentido, Isabel Carvalho², psicóloga e doutora em educação, defende

² "Qual educação ambiental". Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v.2, n.2, abr./jun.2001

que a educação ambiental deve perseguir o caminho de uma aprendizagem ativa e não se identificar somente com mudança de comportamento. “Uma pessoa pode aprender a valorizar um ambiente saudável e não poluído, ter comportamentos tais como não sujar as ruas e participar dos mutirões de limpeza do bairro. Essa mesma pessoa, no entanto, pode considerar adequada a política de produção e transferência de lixo tóxico a outra região e não se importar com a contaminação de um lugar distante do seu ambiente de vida.”

Sob a inspiração do educador Paulo Freire, o Programa de Educação para a Sustentabilidade do SESC SP acredita que é preciso aprender sobre a realidade com e na realidade, a partir das questões da nossa vida cotidiana.

Chamar a atenção para a urgência quanto às mudanças concretas do cotidiano, a partir do envolvimento de cada um na construção da sustentabilidade a médio e longo prazos, materializa a corresponsabilidade de cada um em relação a um futuro melhor. As bases do futuro estão no compromisso que assumimos com a qualidade de vida atual. Por isso a ação educativa ambiental não deve se restringir às crianças, ou seja, àqueles que estão em processo de educação formal, como se a mudança só fosse possível em um futuro que será construído pelas novas gerações. A necessidade de mudança de valores e atitudes diz respeito também aos adultos, sujeitos determinantes dos processos de relação com o ambiente hoje. Transferir para as crianças essa responsabilidade é, no mínimo, injusto.

Dia Mundial do Meio Ambiente 2010

Celebrado em 5 de junho desde 1972 por recomendação da Organização das Nações Unidas, o Dia Mundial do Meio Ambiente marca a mobilização da sociedade em prol da proteção ambiental.

O SESC SP se insere nesse esforço coletivo ao reafirmar os valores da educação cidadã permanente e contribuir

para a reflexão sobre o sentido da solidariedade planetária baseada na interdependência entre natureza e cultura. Assim, por meio da ação cultural – e a sustentabilidade é um novo paradigma para a cultura local e global –, a programação das unidades do SESC difunde ideias e ações que respondem aos desafios atuais, com destaque para o contexto urbano. Por quê?

Entre 2007 e 2008, as cidades passaram a concentrar mais da metade da população mundial, fato inédito na história da humanidade. Segundo Philip S. Golub³, “a urbanização desafia nossa capacidade de produzir bens públicos, sobretudo educação, cultura, saúde e um ambiente saudável para o conjunto das populações, pré-requisito para o desenvolvimento sustentável que garanta o bem-estar coletivo e, assim, a expansão das liberdades individuais”. Desta forma, discutir educação para a sustentabilidade está intimamente vinculado à forma como vivemos e afetamos o ambiente nos grandes centros urbanos, pois são nesses lugares que mais alteramos os ciclos naturais.

Modos de desenvolvimento socialmente justos e ambientalmente equilibrados passam, necessariamente, por políticas estruturais na área de saneamento ambiental (tratamento de água e esgoto, limpeza urbana, controle de poluição, para citar os principais); pelo planejamento da ocupação territorial, considerando a prioridade dos assentamentos humanos; pela ampliação dos transportes públicos de qualidade; pela conservação da biodiversidade e, consequentemente, dos ambientes naturais; pela produção de alimentos e segurança alimentar, no gerenciamento dos riscos ocasionados pelos desastres naturais, cada vez mais frequentes; pela definição de modelos políticos mais participativos e pela distribuição das riquezas.

O panorama é bastante amplo, e sua efetivação depende de ações sistemáticas e articuladas que convirjam para o compromisso ético da humanidade em relação à vida. ■



Chamar a atenção para a urgência quanto às mudanças do cotidiano na construção da sustentabilidade materializa a corresponsabilidade de cada um por um futuro melhor. As bases do futuro estão no compromisso que assumimos com a qualidade de vida atual



³ “Saturação das metrópoles”. Le Monde Diplomatique Brasil, março 2010, p.6-7.



RIQUEZA NATURAL. Embarcação no rio Guamá, no Pará; exploração sustentável dos recursos pode contribuir para o desenvolvimento do país

SÃO PAULO RECICLA MENOS DE 1% DO LIXO DOMÉSTICO, E QUESTÃO CHEGA À JUSTIÇA

Com seus dois principais aterros esgotados ou próximos do esgotamento completo, São Paulo exporta, hoje, para cidades vizinhas a maior parte das 15 mil toneladas de lixo doméstico produzidas diariamente na capital. Do total, menos de 1% é devidamente reciclado.

Segundo especialistas, a taxa de reciclagem poderia chegar a 30%.

Como resultado dessa discrepância, aterros sanitários comuns estão recebendo diariamente toneladas de material que poderia ser reutilizado e que nem chega a ser triado nas insuficientes

estações que preparam o material destinado à reciclagem. Estudo da ONG Instituto Pólis mostra que, sem o tratamento e a destinação corretos, 35% do lixo reciclado em casas e condomínios é despejado em aterros.

A situação insustentável do lixo na capital

chegou à Justiça. No início do ano, uma decisão de primeira instância determinou que a Prefeitura de São Paulo implante, no prazo máximo de um ano, coleta seletiva para toda a cidade. Além disso, também exige que a administração pública fomente a formação de cooperativas de catadores.

A prefeitura recorreu da decisão, afirmando que a implantação se dará até 2012. As concessionárias que fazem a coleta pedem prazo até 2015 para ampliar o serviço.

Segundo a prefeitura, 103 toneladas de lixo reciclável são coletadas diariamente. Há hoje 16 centrais de triagem em São Paulo, quando seriam precisos 31 centros para cobrir toda a cidade.

Cerca de 45% do PIB brasileiro está ligado

diretamente à base de recursos naturais do país, ou seja, associado a riquezas geradas a partir de minérios, água, solo, fauna e flora, segundo o Ministério do Meio Ambiente. O Brasil detém a maior diversidade biológica e 12% da água doce superficial do planeta.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE A TERRA REÚNE 50 PAÍSES

De 5 a 10 de junho, o Ministério da Educação promoverá em Brasília a Conferência Internacional Infanto-Juvenil “Vamos Cuidar do Planeta”, que reunirá jovens e adolescentes de 12 a 15 anos de 50 países para discutir os problemas socioambientais globais, especialmente as mudanças do clima.

São esperados para o evento cerca de 600 jovens e adolescentes de todo o mundo, para participar de oficinas lúdicas e práticas, diálogos interculturais e intergeracionais que resultem no documento final da conferência - a Carta das Responsabilidades “Vamos Cuidar do Planeta”. Nela serão assumidas responsabilidades coletivas sobre o tema e sugeridas ações que devem ser implementadas local e globalmente.

A Conferência Internacional está inserida no projeto maior da Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014), definida pela ONU. O Brasil apresenta no evento a experiência de três conferências nacionais “Vamos Cuidar do Brasil”, realizadas entre 2003 e 2009 com 13 milhões de pessoas.

<http://confint2010.mec.gov.br>

“DESIGN POSSÍVEL” CONCORRE NO DESAFIO GLOBAL

O projeto de desenvolvimento Design Possível está participando do Desafio Global promovido por Artemisia e Change-makers da Ashoka para encontrar ideias e iniciativas que ajudem a dar forma ao campo de negócios sociais no mundo. O Design Possível aplica o design em todas as etapas de um processo produtivo como ferramenta de gestão para tornar a sociedade mais sustentável, equilibrada e justa.

www.designpossivel.org

EVENTO DEBATE DESAFIOS DA SUSTENTABILIDADE NO BRASIL ATUAL

Entre 10 e 11 de junho a Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), da USP, promove o encontro “Perspectivas do Brasil Frente aos Desafios da Sustentabilidade”. O objetivo é debater o desenvolvimento e a implementação de negócios rentáveis e sustentáveis e analisar o papel da iniciativa privada e do poder público na questão.

www.gelqesalq.com.br

5R

SEJA SUSTENTÁVEL, APRENDA A

repensar
recusar
reduzir
reutilizar
reciclar

→ Para “repensar e recusar”, na hora da compra, o consumidor escolhe produtos que consideram o ambiente, com embalagens recicláveis ou biodegradáveis.

→ Também reflete sobre o próprio local da compra. Veja se o supermercado dispõe de locais para triagem de lixo, ponto para receber pilhas e baterias, usa racionalmente as embalagens. Caso contrário, entra em ação o “r” de “recusar” o local. A escolha é do consumidor.

→ E não esqueça de reduzir, reutilizar e reciclar. “Passar adiante roupas e utensílios que não usa é uma forma de reutilizar. Levar sacola para o mercado e evitar as plásticas encaixa-se no conceito de reduzir, e separar os materiais e embalagens secos dos restos de comida é uma forma de reciclar. Com consciência, essas ações estão ao alcance de todos. Basta querer”, afirma Josi Paz, doutoranda em sociedade de consumidores e questões ambientais pela Nottingham Trent University, na Inglaterra.

Schmid Christophe /Shutterstock



VERDE. O Jardim Botânico da premiada capital paranaense

CURITIBA RECEBE PRÊMIO DE CIDADE MAIS SUSTENTÁVEL

A capital do Paraná, Curitiba, recebeu o prêmio Globe Award Sustainable City 2010, de cidade modelo de sustentabilidade no mundo.

A distinção é concedida anualmente pelo Globe Forum, entidade sueca que reúne empreendedores preocupados com a sustentabilidade global. Segundo os organizadores, Curitiba foi escolhida porque “demonstra maturidade no entendimento da importância da sustentabilidade”. A entidade também elogiou a integração da dimensão ambiental com as esferas intelectual, social e econômica da cidade.

Nesta edição do prêmio, Curitiba competiu com outras cinco cidades, entre elas Sydney, na Austrália.

<http://globeaward.org>

HORIZONTE SUSTENTÁVEL

texto: Carina Flosi
fotos: Flavita Valsani

A despeito das críticas quanto à implantação efetiva de medidas que tornem as cidades brasileiras mais sustentáveis, especialistas comemoram o aumento da conscientização popular e preveem avanços concretos nas próximas décadas





OUTRA PERSPECTIVA. Edifícios no centro de São Paulo, cidade que hoje sofre as consequências de uma urbanização muito acelerada

Avançamos pouco em ações concretas de sustentabilidade, mas a população está cada vez mais informada e madura para lidar com a questão, e as perspectivas são positivas. Esse é o mais recente diagnóstico realizado pelos articuladores da Agenda 21 nacional, iniciativa que desde a Eco-92 discute alternativas para o crescimento sustentável do país.

Graças a esse amadurecimento, a expectativa é a de que, por meio de soluções integradas e articuladas em rede, a sustentabilidade poderá virar realidade concreta no futuro e elevar a qualidade de vida da população urbana, que hoje corresponde à metade dos brasileiros – índice que, no mundo todo, deve atingir 60% até 2030, segundo projeção do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA).

Para o diretor regional do SESC SP, Danilo Santos de Miranda, a sociedade precisa despertar urgentemente para esse que é o principal desafio político e cultural do século 21: construir uma cultura de sustentabilidade. “Entendemos que a educação ambiental para a saúde, para a cidadania, para a prática esportiva, para a alimentação saudável e para a diversidade cultural em todos os programas que desenvolvemos é uma ferramenta chave para mudarmos valores, comportamentos e estilos de vida. Se desejamos alcançar uma cultura da sustentabilidade – e ainda estamos longe disso – é necessário fomentar, permanentemente, a percepção, o entendimento sobre as nossas ligações profundas com a natureza e o engajamento real para as transformações necessárias no nosso modo de viver”, explica (leia à pág. 14).

A secretária de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental do Ministério do Meio Ambiente, Samyra Crespo, explica que o projeto Agenda 21 foi o agente de mobilização de centenas de cidades para dimensionar seus problemas em áreas



EM CONFLITO. Proporção de áreas verdes ainda é pequena nas grandes cidades

DIRETRIZES PARA AS CIDADES SUSTENTÁVEIS

- Cidade mais verde
- Preservação dos recursos hídricos
- Melhoria da drenagem urbana
- Gestão adequada dos resíduos sólidos
- Redução das emissões de poluentes na atmosfera
- Melhoria da mobilidade urbana
- Ações de economia sustentável
- Incentivo à cultura de paz

como construção de moradias, preservação de áreas verdes, gerenciamento de lixo, suprimento de água potável, conservação da energia e mobilidade. No entanto, pouco foi feito para elevar o bem-estar associado ao cuidado com o meio ambiente. “O resultado desses anos de ações demonstra que muitos municípios conseguiram identificar seus desafios. Mas, por falta de investimento, os projetos não foram implementados. Não sinto frustração, pois houve um aprendizado”, avalia.

A secretária avisa que para reverter o atual quadro insustentável das cidades e para que os problemas presentes não sejam transferidos para o futuro é preciso rever o plano nacional da Agenda 21. “Estamos longe de alcançar cidades sustentáveis. A capital de São Paulo, por exemplo, enquanto não botar o dedo na ferida, que é a mobilidade urbana, ficará a anos luz da sustentabilidade”, prevê.

De acordo com a ONU, as cidades ocupam atualmente apenas 2% da massa de terra do planeta e são responsáveis por mais de dois terços do uso de energia e das emissões de gases causadores do efeito estufa no mundo.

Rubens Harry Born, um dos gestores do projeto Rede Brasileira de Agendas 21 Locais e coordenador executivo do *Vitae Civilis* Instituto para o Desenvolvimento, Meio Ambiente e Paz, concorda que o Brasil não conseguiu deter os processos de degradação do meio ambiente. “A Agenda 21 brasileira não é referência no mundo. A maioria das ações não trouxe resultados. Assim, o conceito sustentabilidade vem como o alerta para as próximas gerações. O aviso é de preocupação. Precisamos, com urgência, seguir as várias frentes positivas de sustentabilidade já existentes nas cidades. Os cenários para o futuro das cidades sustentáveis estão traçados.”

Born defende a sua teoria, “3 Hs”, para o sucesso do planejamento e execução das cidades sustentáveis. São eles: habitantes conscientizados, habitações sustentáveis e habitat saudável.



SEMEADURA. Em 2008, a arquiteta Adriana Irigoyen, síndica de um condomínio em SP, juntou orquídeas descartadas e as replantou na rua. Logo os vizinhos aderiram ao que se tornou um projeto inusitado de sustentabilidade. Já foram mais de 500 replantios. “Encontramos uma maneira de agradecer a cidade e torná-la mais gostosa para se viver”

“São Paulo ainda está na contramão dos 3 Hs. A mobilidade urbana na capital é um absurdo, o consumo é desordenado e o desperdício, incontrolado. A grande medida é o transporte público de qualidade. Não adianta ter ciclovias para passear, elas precisam de estrutura para que as pessoas utilizem o meio para trabalhar e estudar”, afirma.

O especialista sugere que uma cidade sustentável pressupõe várias cidades sustentáveis. “Não posso ser sustentável aqui se, em razão da minha sustentabilidade, um índio caiapó tem de perder uma parte de sua sustentabilidade. Temos de encontrar formas de consumo que respeitem toda essa diversidade étnica, as várias culturas, as histórias diferentes.”

Consumo

Para Ricardo Oliani, coordenador do Instituto Akatu pelo consumo consciente, o morador da cidade tem consciência de que as mudanças de seus hábitos não serão refletidas agora, e nem na qualidade de vida dos seus filhos, mas somente nas gerações seguintes. Por isso, muitas vezes deixa a preocupação ambiental de lado na correria do dia a dia. “É preciso alterar drasticamente o modelo atual de consumo urbano. Há um descarte exagerado, mais de 40% a mais do que o planeta consegue regenerar”, conta.

No Akatu, por meio de jogos e dinâmicas, ele ensina que as pequenas mudanças de hábito de hoje serão os grandes diferenciais no futuro. “Simples atos de consumo dentro de casa e no trabalho, como economizar energia no banho, fechar a torneira para escovar os dentes, desligar aparelhos eletrônicos em modo stand by, já têm forte poder de transformação, de influência, e trazem benefícios econômicos e de bem-estar.”

Segundo Oliani, a educação para o consumo consciente é uma alternativa viável e rápida de formar cidades sustentáveis. Uma das orientações é planejar as compras para evitar o

Sabendo que os benefícios de uma mudança de hábitos hoje só vão aparecer nas próximas gerações, muitos adiam suas responsabilidades

desperdício. Pesquisas do instituto apontam que o consumidor joga fora 30% do que compra e, em geral, não se preocupa com o prazo de validade. A conscientização das empresas também é foco do instituto. “Elas já sabem que obtêm lucro e fidelização do cliente com medidas de responsabilidade socioambiental. É um interesse mútuo: o consumidor prestigia a companhia com práticas voltadas ao meio ambiente e a empresa deseja ter clientes interessados em viver em uma cidade melhor”, explica.

Outra bandeira do instituto é a pressão na gestão pública. “Se a população estiver consciente de que os recursos naturais vão acabar, será a sociedade que cobrará governos a atuarem com empenho na questão da sustentabilidade.” Com essas iniciativas de conscientização na compra, uso e descarte, explica, a corrente do consumo consciente dos seus impactos aumenta e ganha dimensão. “Não dá mais para a sociedade fomentar um modelo insustentável de vida”, alerta.

Atualmente, a média nacional brasileira aponta que 70% das pessoas dizem que pagariam mais caro por um produto verde, e 90% delas sabem que a insustentabilidade é um problema a ser resolvido. No entanto, apenas 30% compram produtos sustentáveis, comprovando que colocar em prática o plano das ideias ainda é um caminho longo. “Mas vamos pensar positivo, há cinco anos, esse número era de 14%.”

Para os especialistas em consumo, o assunto está na moda, na pauta das empresas, virou diferencial de marca, e o governo já trata o tema como vitrine nas campanhas. O consumidor começa a se questionar se um produto é realmente consciente. Sobre o valor do produto saudável, Oliani explica que, no primeiro momento, o produto sustentável pode parecer mais caro, mas que o consumidor já percebeu que esse item não vai gerar outros impostos e maior degradação ambiental, e sim resultar em limpeza para a cidade, sem prejudicar a sua saúde. “Daí,

o desconto que ele traz para o bolso e para o bem-estar. Eu acredito que meus netos vão ver a capital paulista sustentável. Acredito que é possível. Não acredito em não fazer nada.”

Para Maurício Piragino, coordenador do grupo de trabalho Democracia Participativa do Movimento Nossa São Paulo e diretor da Escola de Governo, os espaços de participação, em que as pessoas possam refletir sobre os problemas da cidade, estão fechados nos municípios. “Para a cidade ser sustentável, precisa ser pensada no sentido descentralizado. Hoje, porém, ela está cada vez mais centralizada. Tudo é decidido na região central e não nos bairros em que os problemas estão enraizados”, explica.

Piragino acrescenta que “não dá para pensar numa cidade sustentável sem questionar a descentralização econômica e de serviços”. O Movimento Nossa São Paulo articula iniciativas para que os conselhos dos bairros se reúnam para discutir os problemas locais e pressionar os agentes públicos. “Os desafios de uma cidade sustentável são muitos: implantar uma boa malha de transporte público, reduzir as emissões de CO₂, ter prédios verdes, controlar a qualidade do ar e da água, gerenciar os resíduos, preservar a vegetação e estimular negócios sustentáveis. Tudo isso tem de ser pensado em conjunto, e as portas precisam estar abertas para essa discussão”, reflete o coordenador da entidade.

Lixo

Para a secretária de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental do Ministério do Meio Ambiente, Samyra Crespo, o manejo do lixo é hoje a maior tragédia ambiental das cidades brasileiras. “O lixo é maldito. A pessoa joga fora, na lixeira, e acha que já fez sua parte. O lixo é como esgoto, não aparece. Após o descarte, as pessoas não se preocupam mais. Você já viu algum prefeito ser eleito porque inaugurou um aterro sanitário? Não investem porque não há pressão social.”



ESPAÇOS PÚBLICOS. O Minhocão, no centro de São Paulo, prefeitura da cidade estuda demolir a estrutura para revitalizar e elevar a qualidade de vida na região

Segundo a secretária, o lixo é o terceiro item em custo nas grandes cidades, fica atrás apenas da saúde e educação. Samyra acredita que a Lei Nacional de Resíduos Sólidos, já aprovada na Câmara dos Deputados e que agora está no Senado, é crucial para qualquer esperança de sustentabilidade. Os números da pasta indicam que os quase 6 mil municípios brasileiros amontoam, por mês, 150 mil toneladas de resíduos. E para onde vai esse lixo? “Não há regulamentação que obrigue o cidadão a cuidar do lixo. Só 4% do lixo urbano [das cidades brasileiras com mais de 200 mil habitantes] é reciclado. Com a lei, a responsabilidade pelo descarte do lixo será compartilhada. Cada um terá o dever de fazer sua parte”, explica.

Atualmente, São Paulo recicla uma média de 280 gramas de lixo por habitante, o que significa que o paulistano ainda é incapaz de destinar corretamente seus resíduos e manda para a reciclagem um peso equivalente a uma garrafa PET a cada seis dias.

Para agravar essa situação, o lixo eletrônico, ou e-lixo, já toma considerável espaço na pauta de discussões sobre reciclagem. Anualmente são descartados 40 milhões de toneladas de e-lixo no mundo. Entre os emergentes, o Brasil ocupa a preocupante posição de primeiro lugar. Um relatório recém-divulgado pela ONU mostra que, até 2020, o aumento desse material pode chegar a 500% em diversos países, incluindo o Brasil. Uma iniciativa que já ganha peso em São

“ É preciso alterar o modelo atual de consumo. Há um descarte exagerado, mais de 40% a mais do que o planeta pode regenerar ”

“ Não dá para pensar numa cidade sustentável sem questionar a descentralização econômica e de serviços ”

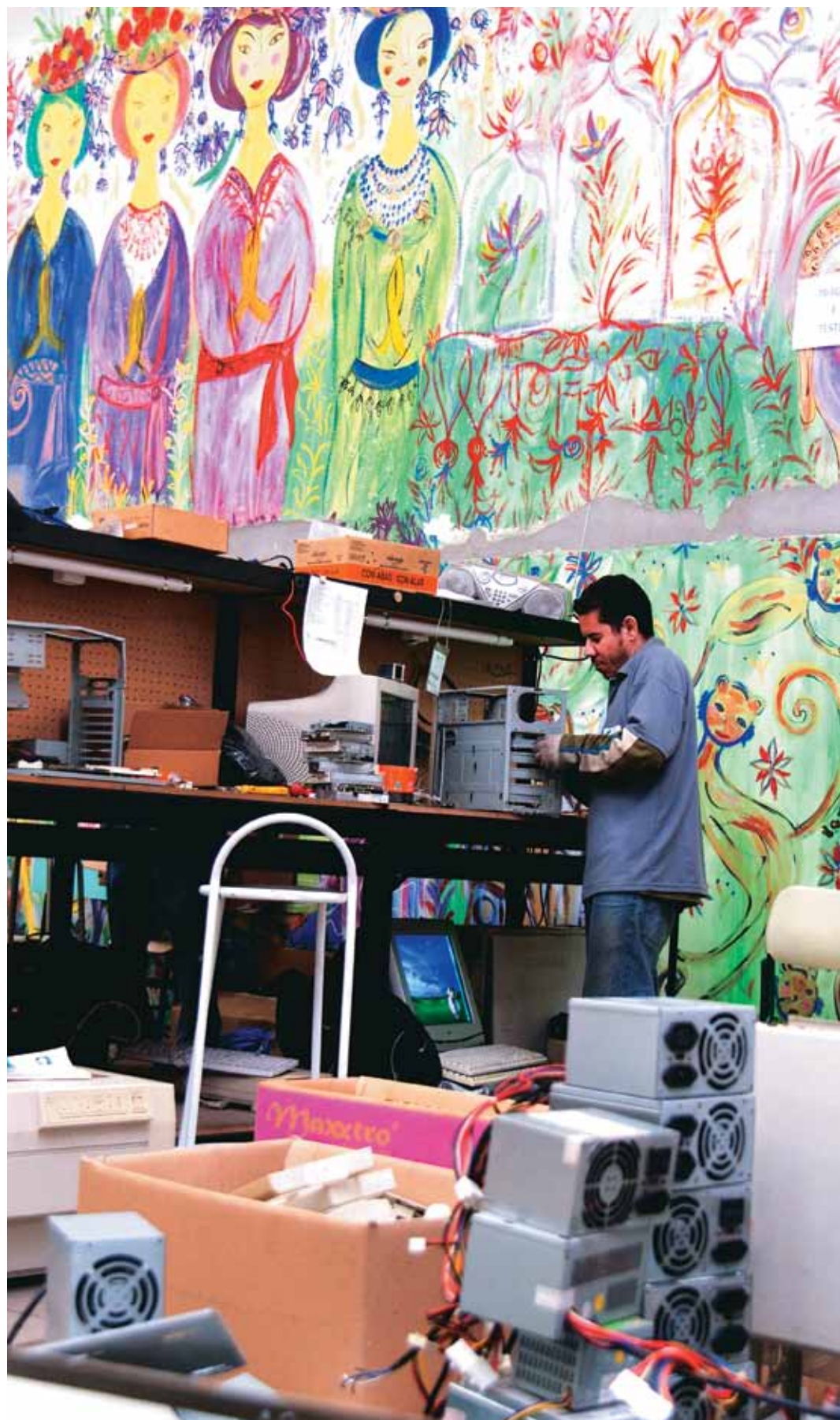
Paulo é a Coopermiti, Cooperativa de Produção, Recuperação, Reutilização, Reciclagem e Comercialização de Resíduos Sólidos Eletroeletrônicos, que incentiva o envio para reciclagem não só de produtos comercializados pela fabricante, como de qualquer e-lixo. Os consumidores entregam os produtos não mais utilizados diretamente na Coopermiti, na Barra Funda, zona oeste, ou o material é coletado com o caminhão da cooperativa.

Após o recebimento do material, é feita a triagem e reciclagem, especialmente importante no caso do lixo eletrônico, que possui elevado grau de toxicidade e potencial de contaminação. Hoje a cooperativa recicla quatro toneladas de lixo eletrônico por mês. “A meta é chegar às 50 toneladas para que todos os 22 cooperados tenham rendimento”, explica o presidente, Alex Pereira.

Água

Na busca pela sustentabilidade nas cidades brasileiras é possível encontrar várias ações de reuso de água. Outra frente de trabalho importante na configuração atual das metrópoles é a da impermeabilização do solo, que traz consequências alarmantes, como enchentes e deslizamentos. Uma parceria entre a Escola Politécnica da USP (Universidade de São Paulo) e a Prefeitura de São Paulo propõe uma solução para as enchentes nas grandes cidades. O projeto desenvolve um pavimento que, ao contrário da pavimentação usada atualmente em todo o Brasil, é capaz de reter a água da chuva.

Atualmente, a ausência de regulamentação federal e a falta de conhecimento sobre tecnologias existentes representam entraves para o setor. Em termos de legislação nacional, há apenas uma resolução do Conselho Nacional de Recursos Hídricos (CNRH), de 2006, que estabelece modalidades, diretrizes e critérios gerais para a prática do reuso não potável do recurso – usada para rega de jardins e lavagem de calçadas. Já o reuso



e-lixo. Funcionário da Coopermiti, em São Paulo, especializada em reciclar lixo eletrônico

potável não é aplicado no país. O Brasil tem cerca de 12% de toda a água doce superficial (em rios e lagos) da Terra.

Bairro sustentável

Como exemplo de que com estratégias construtivas é possível criar áreas ambientalmente sustentáveis, o bairro Pedra Branca, em Palhoça, Santa Catarina, é um dos 16 empreendimentos do mundo escolhidos pelo Conselho da Construção Verde dos Estados Unidos (USGBC, na sigla em inglês), que criou recentemente o programa de desenvolvimento positivo para o clima.

A área, com cerca de 1,7 milhão de metros quadrados, deverá abrigar uma população de 30 mil pessoas dentro de 15 anos. As estruturas do bairro pregam economia de energia, pouca geração de resíduos e mobilidade urbana. O bairro também conta com um sistema de drenagem de águas pluviais. “Em Pedra Branca, a meta será otimizar a utilização dos recursos naturais e gerar a menor quantidade de resíduos possível. Se, na prática, o bairro conseguir tornar-se 50% sustentável, já será um avanço”, avalia Silvia Manfredi, diretora da Associação Nacional de Arquitetura Bioecológica.

Já para as grandes metrópoles, inseridas em cenários insustentáveis, a arquiteta acredita que os primeiros sinais de sustentabilidade aparecerão quando as mudanças ocorrerem de

dentro para fora das pessoas, com motivação e conscientização. “Os brasileiros, por razões culturais, acham que a terra é abundante e que aqui nunca nenhum recurso natural irá acabar. Falta pressa para o brasileiro adotar ações sustentáveis em sua rotina.”

Um exemplo brasileiro de sustentabilidade citado pelo diretor da *Vitae Civilis* Rubens Harry Born é a cidade de Curitiba, que recebeu em maio deste ano, em Estocolmo, na Suécia, o prêmio de cidade mais sustentável do mundo, o Globe Award Sustainable City 2010 (leia mais à pág. 8). O principal programa apresentado por Curitiba foi o Biocidade, que condiciona todas as ações do município à questão ambiental. Curitiba tem hoje média superior a 50 metros quadrados de área verde por habitante.

Entre as iniciativas aplicadas, o coordenador do grupo de trabalho Democracia Participativa do Movimento Nossa São Paulo e diretor da Escola de Governo, Maurício Piragino, conclui a reflexão sobre a sustentabilidade das cidades brasileiras com a afirmativa de que unindo esforços será possível manter os atuais estoques de recursos para as gerações futuras. “Acreditamos nas cidades verdes, que acolhem e melhoram a qualidade de vida das pessoas, e, juntos, precisamos continuar agindo para formar sociedades sustentavelmente desenvolvidas.” ■

SESC SP acredita na educação como base da sustentabilidade

A partir de uma longa experiência em dialogar com a cidade, o SESC SP afirma que um dos principais desafios para alcançar a sustentabilidade é a revisão do modelo de desenvolvimento adotado, em que o econômico se sobrepõe ao humano e ao ambiental.

“O imenso desafio de pensar a cidade em toda sua complexidade implica repensar desde a ocupação territorial dos espaços, a geração e distribuição de renda, o acesso aos bens culturais, o atendimento às necessidades básicas de segurança alimentar e saúde, até as possibilidades de criação coletiva de modos de vida sustentável, a partir dos pressupostos de solidariedade humana e do respeito aos ciclos vitais aos quais estamos submetidos, que têm limites e são vulneráveis à ação predatória do ser humano”, avalia o diretor regional do SESC São Paulo, Danilo Santos de Miranda.

Desde a sua criação, em 1946, o SESC trabalha focado na promoção do bem-estar social dos trabalhadores do comércio e serviços atuando fortemente com as questões concretas que conduzem à qualidade de vida. Nesse sentido, o SESC é pioneiro em duas frentes: pelas características de seus equipamentos e pela ação educativa que mobilizou discussões importantes no campo socioambiental. “No primeiro caso, lembramos o exemplo de Interlagos, inaugurado em 1975, que implantou um importante projeto de paisagismo e de manejo da vegetação remanescente de Mata Atlântica, que, atualmente, tem um significado enorme na região sul da cidade de São Paulo, quase toda tomada



ÁGUA DOCE. Brasil tem as maiores reservas do planeta, mas desperdício é grande

por moradias, com poucas opções de áreas de lazer. Também o Centro de Férias de Bertioga, que, além de conservar, há mais de 60 anos, grandes áreas verdes, implantou estação de tratamento de esgoto e água, já na década de 80, e agora está adotando critérios de certificação ambiental para a renovação dos meios de hospedagem”, explica.

Mais recentemente, os projetos arquitetônicos das novas unidades têm se voltado diretamente para a diminuição do consumo de recursos como água e energia e incorporado técnicas de menor impacto ambiental. “Podemos citar ainda a implantação de placas de captação de energia solar para aquecimento da água nos vestiários em várias unidades, a captação de água de chuva para reuso e o programa de gestão de resíduos, neste momento, em aprimoramento e expansão por todas as unidades”, acrescenta ele.



O SESC SP foi uma das entidades pioneiras no país na preocupação com o ambiente; já em 1975 a unidade de Interlagos elaborava soluções de manejo de áreas de Mata Atlântica



No campo da ação sociocultural, a atuação do SESC é bastante ampla. Por meio de dinâmicas educativas diferenciadas voltadas a todas as faixas etárias, por diferentes linguagens artísticas como espetáculos, exposições de artes plásticas e visuais, cinema e vídeo, além dos inúmeros seminários e diálogos com a sociedade, busca-se compartilhar conhecimentos. “Nessa frente podemos citar os programas permanentes de formação de educadores e escolares desenvolvidos pelas unidades de Itaquera, Interlagos e Bertioga, todas com equipamentos e técnicos voltados para o desenvolvimento de atividades de educação socioambiental e com forte envolvimento comunitário”, conta Miranda, destacando os programas Viva o Verde e o ASAS, de Interlagos, os Polos Integrados de Educação Ambiental e o projeto Natureza Pedagógica, de Itaquera, e o mais recente, o Centro de Atividades Ambientais, de Bertioga.

Outras ações de repercussão na comunidade atendida pelo SESC foram o projeto “Pau-brasil: 500 anos de brasilidade” e o “Água Brasilis”, em parceria com a Estação Ciência. Por ocasião do aniversário de 450 anos de São Paulo, o SESC Itaquera desenvolveu, ao longo de sete meses, o projeto “Pauliceia: 450”, com a participação direta de 800 crianças e professores da zona leste, que fizeram expedições pela cidade e criaram uma maquete gigante de São Paulo.

Outro importante projeto desenvolvido em Bertioga é o Avifauna, que partiu de um estudo, realizado ao longo de 12 anos, sobre as aves que habitam a região, resultando em um plano de manejo para atrair mais aves, com a instalação de comedores e bebedouros e o plantio de espécies nativas atrativas. Somente em 2004, foram plantadas mais de 1.000 árvores e identificadas cerca de 130 espécies de aves. Todo esse trabalho está documentado em um livro.

Pioneirismo

Miranda ressalta que todas essas experiências foram realizadas em um momento em que se falava muito pouco em meio ambiente. “O Projeto Parceiros do Tietê, de 1991, pré-Rio 92, tinha o intuito de mobilizar a cidade para a despoluição do rio Tietê. Partimos do pressuposto de que era fundamental sensibilizar a população de São Paulo pela ação cultural. Então foram realizadas diversas ações, como um grande espetáculo musical que reuniu 4.000 pessoas no Anhembi com grandes nomes da música brasileira, um ateliê no SESC Pompeia com artistas consagrados, que criaram obras exclusivas para este tema e um seminário internacional, que contou com a presença de especialistas brasileiros e ingleses, que apresentaram a experiência de despoluição do rio Tâmis”, lembra.

Miranda explica ainda que a intensa promoção cultural do SESC colaborou decisivamente para a mobilização social para despoluir o rio, conduzida posteriormente pela Rádio Eldorado, um dos parceiros do projeto. “Outra iniciativa que nos orgulha, também pelo impacto de mobilização social que propiciou, foi o Projeto ECOA, realizado em 1978 na região de Jacareí, sob a coordenação do SESC São José dos Campos. Desta experiência, que discutiu qualidade de vida e preservação da natureza, emergiram lideranças comunitárias que até hoje estão atuando.”

No SESC Piracicaba, o Festival de Música Ecológica, no anos 1980, estimulou muitos grupos a pensarem estratégias de educação pela via da arte-educação. Atualmente, os projetos Colmeia e Sinal Verde fomentam discussões sobre temas ambientais.

“O SESC acredita que cada um tem um papel importante para construir a sustentabilidade onde vivemos. Por isso, ele se coloca propositivamente na tarefa de pensar junto e de favorecer ações exemplares”, conclui Miranda.

O voo

1976, escultura em metal.
Praça da Sé, São Paulo

Caciporé Torres

escultor, nascido em 1935 em
Araçatuba, possui mais de 80 obras
expostas em espaços públicos

“ A escultura, a
pintura, arte em geral,
não deve só procurar
a beleza estética,
decorativa. Arte é
você transmitir sua
sensibilidade criativa,
intuitivamente
representar sua
época. Julgo meu
trabalho bonito dentro
da agressividade,
e agora vou fazer
de tudo para levar
minha arte às favelas,
locais igualmente
considerados violentos,
brutos e esquecidos ”







Do lixo à arte

texto: Carina Flosi
fotos: Flavita Valsani

Materiais brutos, sucateados, pesados, objetos que não chamariam a atenção de nossos olhos apressados ganham forma e significado, há mais de 60 anos, pelas mãos dele. Com um estilo único de esculpir objetos descartados e esquecidos, Caciporé Torres, 75, orgulha-se de ter dedicado sua obra à sociedade e de hoje ser o maior escultor com monumentos expostos em espaços públicos no Brasil. Com exclusividade à revista do SESC SP, o artista revelou seu inédito e mais recente projeto de levar

80 obras de Caciporé estão expostas

em espaços públicos por todo o Brasil, como praças, estações de metrô e avenidas. Trabalhando em chapas de metal usado, ele extrai beleza do feio.



REINVENÇÃO. Ao lado, Caciporé Torres em seu ateliê em São Paulo; acima, painel do artista em fachada da Haddock Lobo, na capital

suas esculturas de ferro, bronze e aço às favelas paulistanas, carentes de valorização social e arte. “Esse é o meu novo sonho, todo o meu trabalho está centrado nisso, sem demagogia. Usarei as chapas recolhidas pelos próprios moradores das favelas e eles serão co-autores das esculturas. Será um projeto social e sustentável dentro da cidade de São Paulo”, prevê.

Autor do conceito de que na arte a beleza surge por meio do feio, Caciporé Torres acredita que o projeto de arte-cidadania nas favelas levará criatividade e confiança aos moradores. “Eles serão os guardiões das esculturas. Levarei as obras pré-montadas e

eles participarão da produção. Aprenderão a valorizar a arte que ajudaram a criar. Pretendo povoar de obras de arte as favelas de São Paulo. É um projeto original, criativo e que vai levantar a auto estima de quem vive nesses locais”, conta o escultor, animado.

Desde os 20 anos, Caciporé Torres compra chapas usadas e as reaproveita. Defendendo a escultura como coisa pública, passou a elaborar sua arte em grandes volumes costurados pela solda, usando o aço inox no estado de sucata. “Sempre preferi comprar aquela chapa que custa R\$ 5 o quilo daquele trabalhador que recolhe o material na sua carrocinha do que

a de R\$ 300 nova, de uma indústria”, conta. Seu trabalho em metal começou quando voltou de um longo período na Europa. “Eu sempre me senti privilegiado porque cresci em um ambiente intelectual e artístico. Meu pai era jornalista, correspondente internacional. Minha mãe era concertista, falava cinco línguas. Então eu sempre convivi com artistas. Aos sete anos ia desenhar na casa do Di Cavalcanti.”

Inserido na esfera das artes, o pequeno artista encontrou na escultura a melhor forma de se expressar. “Sei que tive essa vantagem de viver no meio da sensibilidade, da inteligência e da criatividade. E, aos 15 anos, de calça curta, me arrisquei levando cinco trabalhos para um concurso na 1ª Bienal”, lembra. Sem a menor convicção de que poderia concorrer com os amadurecidos trabalhos de artistas renomados, o jovem conquistou um dos prêmios mais importantes, uma viagem de dois anos para a Europa. “Os jurados eram 16 críticos internacionais completamente isentos de qualquer ligação com a arte brasileira. Quando eles descobriram que era um garoto, foi surpreendente. Percebi desde cedo que o artista, embora seja um infantil permanente, uma criança grande, artisticamente pela vivência ele amadurece. Ele nunca pode achar que chegou ao apogeu, que está consagrado, porque daí será o começo do seu fim.”

O contato com artistas europeus levou Caciporé Torres a pesquisar diversos materiais. Ele aprendeu fundição e conheceu ateliês de diversos escultores. Mas, quando voltou ao Brasil, viu-se cheio de projetos, com senso artístico aguçado, mas sem dinheiro. “Aluguei um galpão de uma metalúrgica na Mooca, na zona leste, em que produzi 90 peças com ferro fundido de bueiro. Aquilo foi uma novidade. Vendi tudo para artistas reconhecidos em poucos dias”, lembra.

Esse foi o empurrão que o escultor precisava para levar suas obras de aço aos espaços públicos. “Nessa época eu já me via como um artista urbano e



FUNÇÃO SOCIAL. Caciporé agora planeja povoar as favelas paulistanas com suas obras

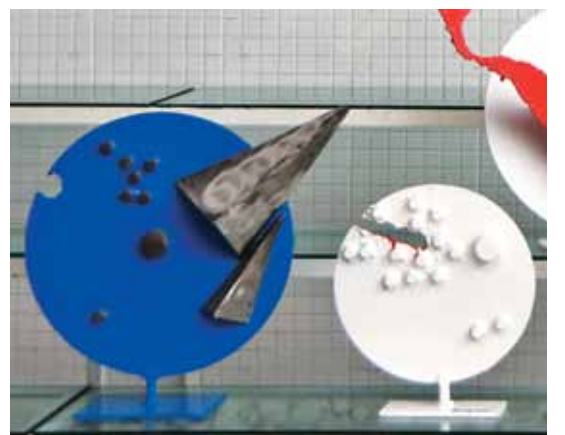
percebi que não daria para depender de galerias, ganharia pouco e minha arte ficaria restrita à elite. Entendi que para sobreviver da arte eu precisaria me integrar a alguma coisa e me apeguei à arquitetura, que é a arte fundamental do século. Naquela época, a arquitetura estava explodindo no Brasil, com grandes arquitetos respeitados no mundo inteiro.”

Caciporé foi, então, bater às portas dos escritórios de Oscar Niemeyer, João Batista Vilanova Artigas e Lucio Costa para se integrar e fazer grandes trabalhos. “A parceria com eles foi maravilhosa. O arquiteto, que é o artista que aprendeu um pouco de matemática, sabe se expressar. Foi muito gratificante. As obras com parceria de todos os grandes arquitetos foram para o Brasil inteiro e isso me dá muita honra. Elas estão em locais abertos, adquiriram grande função social, foram para o Metrô, praças e avenidas. Foi fantástico, e nunca mais parei de me dedicar a embelezar a cidade com minha arte”, resume.



Em todo o Brasil o escultor soma mais de 80 obras em espaço aberto. “Isso foi uma opção minha. Quis integrar minha obra à arquitetura e ao espaço paisagístico. E com isso eu conquistei forte função social e me libertei da precariedade das galerias, que cobram 50% do seu trabalho e não te dão nada. Satisfaz mais. São obras públicas e marcantes para São Paulo.”

Até hoje, o escultor trabalha oito horas por dia em seu ateliê, com seus objetos brutos. “São materiais muito bons, autênticos, aparentemente agressivos, mas na arte a beleza vem do feio, você pode cortar, soldar a chapa, mas, no fundo, esse conjunto de agressividade se torna belo. A escultura, a pintura, arte em geral, não é só procurar a beleza estética, decorativa. Arte é você transmitir sua sensibilidade criativa, intuitivamente representar sua época. Julgo meu trabalho bonito dentro da agressividade e agora vou fazer de tudo para levar minha arte às favelas, locais igualmente considerados violentos, brutos e esquecidos.”





AGRESSIVIDADE.

O artista em seu ateliê, em São Paulo; suas obras, embora elaboradas a partir de matéria-prima "agressiva", segundo o autor, formam conjuntos provocativos que embelezam as cidades



A ARTE DE CACIPORÉ TORRES ILUMINANDO O IMAGINÁRIO DA PAULICEIA DESVAIRADA

Mariza Bertoli*

As esculturas de Caciporé Torres fazem toda a diferença, entram na vida da cidade e modificam a paisagem. Dialogam com quem tem olhos pra ver, criam o intervalo necessário para a subjetividade na multidão e vão se ajeitando de mansinho na memória social desta cidade que vive apressada, em ritmo de futuro.

À primeira vista, rudeza e agressividade, uma presença estranha, incômoda, que desafia o caminhante, depois vem aquela chispa de inquietação persistindo, indagando, acomodando-se nas fissuras do imaginário, buscando nas franjas da memória o alívio do conhecido, até que a apropriação se dá, não importa afinal com que desculpa.

Afinal que diabo é isso? - Eu nunca vi um troço desses, mas que existe, existe... Se não for por fora, jogado no mundo é por dentro da gente. Poderia ter dito um passageiro ao se defrontar com a escultura monumental instalada na Praça da Sé. O volume desafia o espectador, com sua forma inusitada, o que se convencionou chamar de abstrato, mas não há nada mais concreto e palpável no mundo que esse imenso pássaro-serpente, feito em metal, com cicatrizes vivas formando superfícies cilíndricas que chamam o toque. Os brilhos do metal, as suturas aparentes, os pedaços costurados dão testemunho do trabalho árduo e prazeroso da construção da obra e do artista. Parece brotar do chão e elevar-se, criando asas. Lembra o desejo e as contingências. É pássaro e é serpente, quer voar, mas se arrasta – eis o fundamento da vida simbólica. Todos vivemos tensos entre esses contrários e deles nascem os sonhos e as obras de arte e nascem também as

ideias consideradas revolucionárias.

Diante da Faap o artista plantou outra escultura intrigante, fascinante pela exuberância e pelo excesso. O volume que se eleva se divide também em forma de asas, mas nasce com uma base vigorosa, e estende braços cilíndricos como se fossem a brotação da árvore da vida; em cada gesto uma geração na qual o espectador se coloca literalmente, espelhado no brilho do aço. E as espigas convidam o olhar para as raízes. Os buracos são provocadores, como entranhas por onde se pode espiar o mistério, o coração do símbolo.

Falar de cidade sustentável é falar também de arte pública, e Caciporé é o escultor brasileiro que tem o maior número de obras nas ruas ou em lugares de grande movimentação de pessoas. Além das esculturas monumentais, criou painéis em relevo, gênero em que foi pioneiro, como a fachada da rua Haddock Lobo, originalíssima, que oferece ao espectador duas faces escultóricas, como frente e verso. Ao associar sua obra à arquitetura, introduz no espaço esse diálogo sempre novo com o espectador, que se surpreende – é o caso de tantos painéis entre os quais os da Fundação Carlos Chagas e do Banco Santander.

O passeio do escultor é ir ao ferro-velho, diz o artista, a propósito da ideia de sustentabilidade. Usar os resíduos urbanos, a sucata que se acumula, pode ser uma busca estimulante, como se fosse um “ready-made”, o objeto encontrado. Juntar os pedaços é também ofício de escultor que não terceiriza o seu trabalho, como é costume hoje. *Juntar partes tem esse gestual meu, muito próprio.* Seja monumental ou pequena, com a superfície metálica, polida, patinada ou com adição de cor, tem sempre a invenção e a construção como estímulo.

*Pesquisadora e crítica de arte integrante da ABCA (Associação Brasileira de Críticos de Arte) e da CESA (Sociedade Científica de Estudos da Arte)



MODELO. A Morada da Floresta, em São Paulo, que adota sistemas de captação de água da chuva, horta doméstica e separação de lixo

Tijolo por tijolo

texto: Andrea Miramontes

foto: Flavita Valsani

Qualquer construção precisa de muito mais que um aquecedor solar para se tornar verdadeiramente sustentável. Necessita de iniciativas que envolvem todo o processo construtivo. E mais que isso. Uma obra sustentável considera o que está à sua volta, não atrapalha o sol dos vizinhos, usa matérias-primas com selos que garantem que os extratores não devastaram o ambiente e aproveitam a iluminação e a ventilação natural, entre muitos outros tópicos.

De acordo com o vice-diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), Marcelo de Andrade Romero, o segredo está nas escolhas criteriosas. “Se você compra uma madeira que vem do Pará, que vai queimar um absurdo de combustível para chegar a São Paulo, já perdeu o conceito.”

Romero explica ainda que o avanço da tecnologia tornou as escolhas mais acessíveis. “Procure torneiras que regulam a vazão de água, vaso sanitário com caixa dupla e chuveiro com temporizador. Deixe também áreas sem impermeabilização [como jardins], para que a chuva seja absorvida.”

Fábio Woody, sócio da Aha!, escola de projetos educacionais, reforça a amplitude do conceito sustentabilidade. “Envolve uma teia de relações. Não basta só usar teto de grama e tijolo ecológico quando, para isso, se constrói um tremendo condomínio longe de tudo, no qual o morador tem que se locomover com uma picape a diesel para comprar um pão.”

Na tentativa de aplicar a sustentabilidade na reforma da própria residência, a arquiteta Marcia Mikai, conselheira do CBCS (Conselho Brasileiro de Construção Sustentável), aproveitou até o entulho. “Aberturas foram pensadas para melhorar insolação e ventilação natural. Portas e janelas antigas foram retiradas com cuidado para doação, parte do entulho dos tijolos e tacos do piso foi reaproveitada, separamos resíduos para destinar à reciclagem”, enumera.

Tanto em iniciativas construtivas dos prédios, como por meio de ações comunitárias, as unidades do SESC SP também consideram a variável socioambiental em seus processos. São ações que preveem economia de água e energia, manejo florestal e também melhorias no entorno, com programas de educação ambiental. “A tecnologia nos sistemas construtivos é uma das dimensões, uma questão operacional relacionada ao consumo de recursos. Queremos compartilhar conhecimentos e iniciativas para que as pessoas se sintam mobilizadas a pensar



Com o avanço das tecnologias voltadas à sustentabilidade, a adaptação a um estilo de vida mais saudável ficou também mais fácil e acessível



na sustentabilidade de forma coletiva e comprometidas com as mudanças”, avalia Denise Baena Segura, assistente técnica da gerência de programas socioeducativos do SESC SP.

Entre as unidades do SESC SP com ações de educação para a sustentabilidade, ela destaca as que consideram a mata nativa, como em Bertiooga, Interlagos e Itaquera, nas quais ainda encontram-se programas educacionais, de formação de educadores e até de roteiros ambientais, no caso de Itaquera.

O SESC Interlagos, com mais de 62 mil m² de Mata Atlântica e 281,5 mil m² de reflorestamento, representou a primeira iniciativa do tipo feita pela instituição. “A implantação foi em 1975, em um local que antes era uma fazenda. Já no início, perseguimos a ideia de ter uma área construída em harmonia com a paisagem, com manejo ambiental”, explica. De acordo com ela, mais importante é a integração que as unidades têm com a comunidade. “A vida depende do que você estabelece com o ambiente e com as pessoas”, conclui. ■

MORADAS ECOLÓGICAS

As ecovilas, que reaproveitam recursos naturais e são reconhecidas pela ONU como modelo de sustentabilidade, já são mais de 15 mil no planeta, segundo a Rede Global de Ecovilas.

O conceito surgiu em 1987 para dar suporte a comunidades que desejam fazer a transição para uma sociedade sustentável. As ecovilas têm até 2 mil moradores, e entre os preceitos estão plantar o que se come e adotar padrões sustentáveis de construção.

Com o lema “As estrelas podem esperar, mas o planeta, não”, hoje elas já são mais de 20 no Brasil. Seus moradores estudam a sustentabilidade global e fomentam estratégias para mudanças culturais positivas.

Na zona oeste de São Paulo, uma casa ecológica habitada por uma família e seus funcionários é referência

para visitantes, hóspedes e parceiros. Na Morada da Floresta, o casal Cláudio Spínola e Ana Paula Silva transforma paradigmas. “Tentamos conscientizar e transformar hábitos. A partir do momento que as pessoas saem da ignorância ecológica e incorporam conceitos sustentáveis, entram em um caminho sem volta. Não conseguem mais jogar o lixo sem reciclar nem desperdiçar água.”

Na casa adaptada para economizar energia e aproveitar a luz natural os alimentos são orgânicos. Uma parte é produzida na horta doméstica. Com a ajuda das minhocas é feita a compostagem do lixo orgânico. Para se sustentar, o casal oferece visitas monitoradas e cursos. (Carina Flosi)

Morada da Floresta www.moradadafloresta.org.br
Rede Brasileira de Ecovilas www.ecovilasbrasil.org

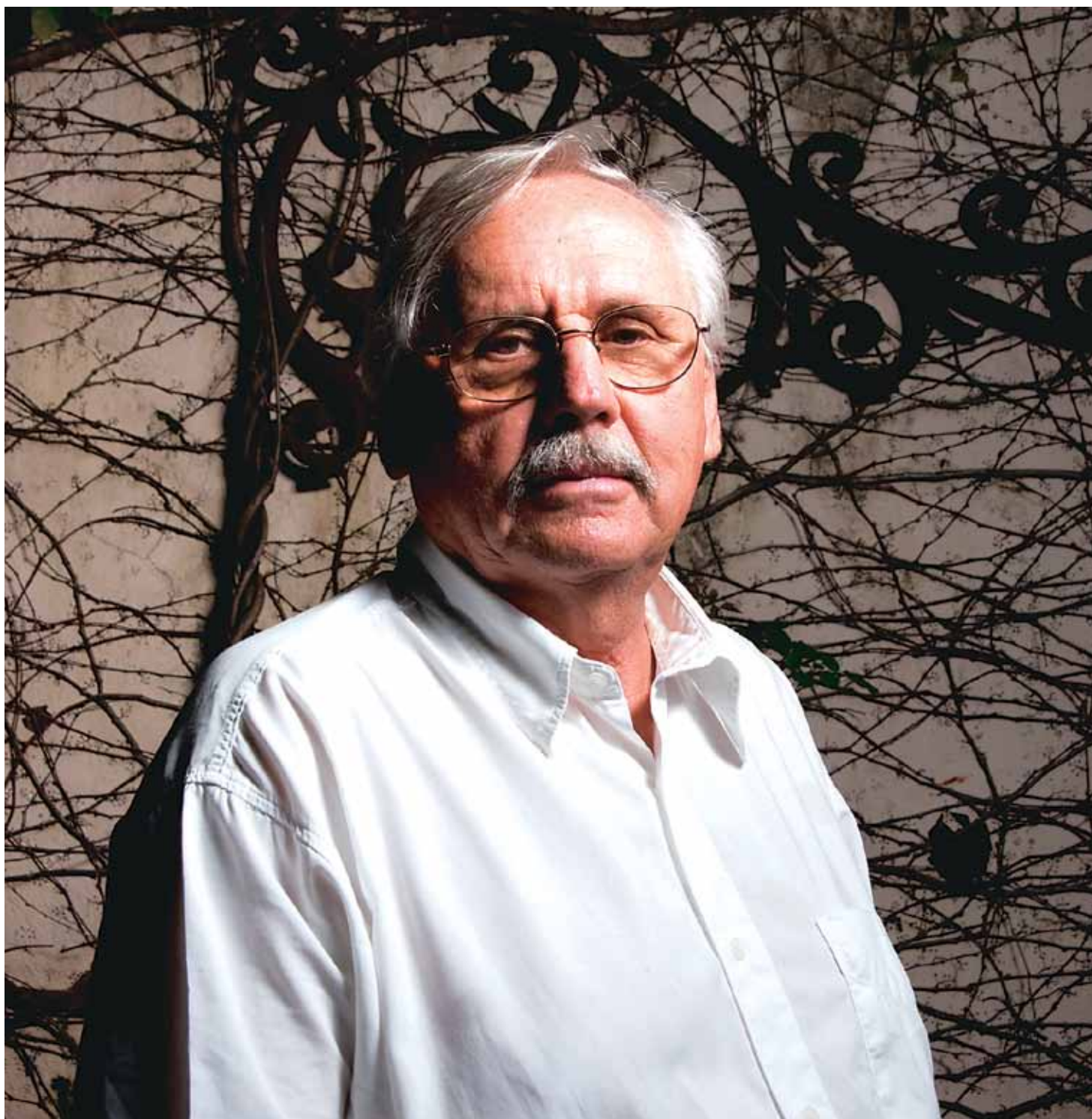
entrevista

LADISLAU DOWBOR: ECONOMISTA POLÍTICO, CONSULTOR DE PLANEJAMENTO DAS NAÇÕES UNIDAS E PROFESSOR DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

“Os cidadãos desconhecem os problemas reais da cidade”

texto: Flavia Galembeck

fotos: Flavita Valsani



O professor e consultor Ladislau Dowbor em sua casa em São Paulo

Filho de poloneses, Ladislau Dowbor veio ainda pequeno para o Brasil. Ele nasceu no lado espanhol dos Pireneus, (cordilheira ao sudoeste da Europa que forma uma fronteira natural entre a França e a Espanha) porque na época esse era o único lugar possível. Aportou por aqui em 1941. Dois anos antes, a Segunda Guerra Mundial havia começado justamente com a invasão da Polônia pela Alemanha. A fala baixa e cadenciada do economista político e doutor em ciências econômicas revela sua procedência em um leve sotaque. Mas não o explica totalmente. Ainda jovem, Dowbor foi estudar Ciências Econômicas na Universidade de Lausanne, na Suíça. Ao voltar para o Brasil, já formado, em plena ditadura militar foi obrigado a voltar para a Europa, num exílio que durou 12 anos, durante o qual fez mestrado e doutorado.

Professor de pós-graduação de Economia e Administração da PUC-SP, Dowbor trabalhou décadas na agência de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas (ONU), elaborando sistemas de planejamento. Foi também consultor de Assuntos Políticos Especiais do Secretário-Geral da ONU, entidade da qual ainda hoje é consultor. Integrante do Movimento Nossa São Paulo, Dowbor mantém um site com seu nome (dowbor.org), pelo qual suscita questões e debates sobre a sustentabilidade das metrópoles brasileiras. Nessa entrevista ele discorre sobre o passado, o presente e o que poderia ser o futuro de nossas cidades.

SESC - Como se deu o processo de urbanização no Brasil?

Ladislau Dowbor - A urbanização no Brasil se deu mais por expulsão do campo do que por atração das cidades. O Brasil em 1950 tinha 2/3 de sua população no campo. A cidade de São Paulo tinha 1,5 milhão de habitantes. A massa urbana hoje no município de

São Paulo reúne 11 milhões de pessoas e somando-se o entorno (o Grande ABC) esse número chega a 20 milhões. No Brasil, 84% da população está em meio urbano. Essa migração do campo para a cidade aconteceu de forma mais acelerada durante a ditadura militar, em que havia pouca possibilidade de resistência política no campo.

“[A acelerada migração do campo para a cidade] gerou um sistema de cidades desequilibradas, com pequenos núcleos tradicionais prósperos cercados de periferias pobres, o destino de quem fugia do campo com uma mão na frente e outra atrás”

Em que esse processo de urbanização contribuiu para os problemas das metrópoles?

Isso gerou um sistema de cidades desequilibradas, com pequenos núcleos tradicionais prósperos cercados de periferias pobres, o destino de quem fugia do campo com uma mão na frente e outra atrás.

Durante o processo de urbanização o crescimento foi acelerado, da ordem de 7%, 8% ou mais ao ano, incremento impossível de ser acompanhado por infraestrutura, saneamento etc. Na época, dizia-se com orgulho que São Paulo era a cidade que mais crescia no mundo. Ainda hoje sofremos as consequências disso.

Você poderia citar um modelo de urbanização oposto ao nosso?

Sim, o da Inglaterra, onde à medida que a população rural migrava para a cidade, desenvolvia-se a manufatura, especialmente a têxtil. Essas pessoas achavam trabalho e tinham ainda a opção de migrar para os Estados Unidos. Então, a urbanização lá se deu de outra maneira e não houve o mesmo grau de pressão de pessoas entrando no meio urbano sem renda e sem emprego.

Não é contraditório que o país que no passado atraía imigrantes para o cultivo de café tenha expulsado as pessoas do campo?

Historicamente, o Brasil tinha déficit de mão de obra, então, durante vários séculos, a monopolização da terra era uma forma de obrigar os trabalhadores a se sujeitar às condições oferecidas pelos grandes produtores. Aqui, a ocupação não foi como nos Estados Unidos, onde os colonos recebiam seus 70 acres de terra e, no entorno dessas propriedades, surgiram pequenas vilas que ofereciam serviços para esses pequenos produtores rurais. Essas vilas deram origem a pequenas cidades, onde ficavam o “saloon”, o ferreiro, os bancos etc., com tecidos urbanos mais equilibrados.

A reforma agrária poderia aliviar o inchaço das grandes metrópoles brasileiras?

Sem dúvida, e ela é necessária. A reforma agrária é mais do que o acesso à terra. É o uso racional das relações urbano-rurais no país, e com a segurança de posse da terra. Esse conceito não é nada revolucionário, está na Constituição, mas nunca foi implementado por resistência de certos grupos. A agricultura continua tendo grande potencial de absorção de mão de obra. No Brasil há condições de coexistência entre o agronegócio e a produção alimentar nos chamados cinturões verdes da cidade.

O que são cinturões verdes?

São terras no entorno urbano dedicadas à agricultura familiar de policultura e hortifrutigranjeiros, que abastecem a cidade de sua região todos os dias com produtos frescos. Elas são muito intensivas no uso de mão de obra o ano todo, criam espaços de lazer para a própria população, uma vez que o morador da cidade pode ir até lá e colher suas próprias verduras, e ainda oferecem esse produto diretamente aos consumidores, por meio de cestas entregues nas residências urbanas.

Existe um motivo para a concentração de terras no país?

Durante muito tempo, aqui no Brasil, as pessoas que tinham dinheiro investiam em terras como reserva de valor, uma vez que o dinheiro não era confiável. É por isso que temos a maior reserva de terra do planeta e conflitos permanentes movidos por pessoas que não têm acesso a ela e que querem produzir. A Europa resolveu essa questão no século 16, com a Reforma Protestante, uma vez que o grande latifundiário no continente era a Igreja Católica. As pessoas sempre pensam essa questão sob o aspecto religioso, mas o grande motivador foi o acesso ao solo. Aqui, as



Filho de poloneses, Dowbor chegou ao Brasil em 1941, ainda criança; durante a ditadura, exilou-se na Europa por 12 anos

“No Brasil há condições de coexistência entre o agronegócio e a produção alimentar nos cinturões verdes da cidade”

grandes propriedades, com mais de 10 mil hectares, utilizam apenas 5% de suas terras, enquanto na agricultura familiar, de até 20 hectares, esse percentual é de 65%. A agricultura familiar hoje, mesmo ocupando uma área reduzida, responde por 70% da produção de alimentos consumidos pelos brasileiros.

Mas esses pequenos produtores conseguem vender para as redes de varejo?

Colocar no supermercado produtos vindo de longe, às vezes importados, transportados por milhares de quilômetros, tratados para não se deteriorar ao longo do tempo de estocagem, é um contrassenso, uma vez que você pode ter produtos frescos, produzidos localmente, sem esses custos de transporte, sem emissão de gás estufa, e sem essas químicas. Na Inglaterra já existe a obrigatoriedade de colocar na gôndola a origem territorial dos produtos, para que o consumidor considere isso no



momento da compra, uma vez que é cada vez mais forte a tendência mundial de comprar o que é produzido localmente.

O que pode ser feito para diminuir as disparidades e o inchaço nas metrópoles?

Eu, Paulo Vannuchi (Ministro de Direitos Humanos), Márcio Pochmann (presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, o Ipea), e outros, fizemos um estudo por um ano e meio para descobrir o que seria necessário para gerar dinâmicas de desenvolvimento local mais equilibradas.

Resumimos isso a estes itens: expansão gradativa dos programas de renda mínima, democratização do acesso ao crédito, acesso às tecnologias, sistemas de informações desenvolvidos para o fomento local, capacitação para a gestão municipal e criação de fóruns voltados para o desenvolvimento local.

Como o renda mínima e a democratização do crédito podem melhorar as cidades?

A forma de lidar com a pobreza crítica é a expansão progressiva de programas de renda mínima, como o Bolsa Família. Depois, temos a democratização do crédito, que é a forma produtiva do processo, a ruptura do cerceamento de acesso aos recursos. O modelo atual, com juros extorsivos, faz parte da concentração de renda no Brasil, onde os bancos comerciais

cobram cerca de 67% de juros para empresas ao ano, quando na Espanha esse percentual é de 6%. É necessário que haja a evolução para um sistema moderno de crédito, para fomentar o empreendedorismo.

E qual a contribuição do acesso às tecnologias?

Todas as atividades produtivas hoje tendem a ter grande intensidade de conhecimento incorporado. A Índia, por exemplo, criou unidades de fomento tecnológico em 620 mil vilas, para as quais o governo treinou 1,2 milhão de pessoas. Essas comunidades de fomento tecnológico comunicam entre si todo e qualquer avanço tecnológico que permita dinamizar as atividades de pequenas e médias empresas, sejam elas urbanas ou rurais. Na realidade, além disso, é necessário fomentar o desenvolvimento, e não coibi-lo, com patentes etc.

Há alguma experiência semelhante a essa no Brasil?

Na Favela de Antares, no Rio de Janeiro, a comunidade generalizou o acesso à internet de banda larga. Hoje eles produzem serviços e produtos de design e cultura. Se você está conectado, conta com um instrumento de comunicação e pode vender sua produção para o mundo. Isso vale também para o meio rural, porque grande parte do êxodo é motivado pelo isolamento dos pequenos proprietários do campo.

70% dos alimentos consumidos no país

são produzidos no sistema de agricultura familiar. As propriedades rurais com mais de 10 mil hectares só exploram 5% de sua área, segundo Dowbor. Na agricultura familiar, em terrenos com até 20 hectares, o índice é de 65%.

São tantos os problemas nas grandes cidades que fica difícil para o cidadão estabelecer prioridades e cobrar medidas.

É por isso que precisamos desenvolver sistemas de informações municipais para que os cidadãos conheçam os problemas principais de sua comunidade e pressionem o governo a solucionar essas questões, barrando bobagens como acrescentar pistas na Marginal Tietê ou aquele do [ex-prefeito Celso] Pitta, de fazer aqueles elevados de veículos, coisas completamente surrealistas, que só acontecem porque os cidadãos desconhecem os problemas reais da cidade.

Já há iniciativas nesse sentido acontecendo aqui no Brasil?

O Paraná, por exemplo, evoluiu bastante com o Orbis, um sistema de informações locais. Em Porto Alegre, os dados de cadastro da Secretaria da Fazenda sobre as pessoas jurídicas da cidade podem ser acessados pelos empreendedores que querem investir ali. Com isso, uma pessoa que quer abrir uma farmácia consegue visualizar no mapa onde há oportunidade de negócios. É um absurdo que em pleno século 21 você conte nos dedos o número de municípios com dados gerenciais adequados. Com o Movimento Nossa São Paulo lançamos 130 indicadores básicos, que nos dão a imagem real do que acontece na cidade.

Poderia citar um exemplo relacionado à cidade de São Paulo?

As pessoas que trabalham perdem todos os dias duas horas e quarenta minutos no trânsito. Um tempo desperdiçado. A velocidade média de um carro em São Paulo é de 14 km por hora. Soma-se a isso o fato de que a cidade ocupa uma área de 1.500 km², com 950 km² impermeabilizados. Então, quando chove a água não tem para onde escorrer. A malha de Metrô é ínfima, de apenas 60 km, contra



Para Dowbor, a redução na jornada de trabalho no futuro será inevitável

“Temos [em São Paulo] uma cidade paralisada por água e por excesso de carros, sem um sistema de transporte coletivo”

400 km de Paris, que é muito menor. Temos assim uma cidade paralisada por água e por excesso de carros, sem um sistema de transporte coletivo.

Esse quadro é causado pela falta de planejamento ou pela falta de preparo dos gestores municipais?

As duas coisas. No caso de São Paulo, não se trata de falta de conhecimento, afinal temos urbanistas excelentes. Mas quando temos que formar um gestor municipal essa pessoa vai para Turim, na Itália. O Brasil tem 5.564 municípios e não tem um sistema de formação de agente de gestão municipal. Esse é um atraso grande. Existem alguns esforços isolados, mas eles não condizem com o tamanho do desafio, já que 84% da população brasileira é urbana e não há capacidade de gestão correspondente. O problema maior reside nos interesses de grupos, como a indústria automobilística e empreiteiras, que financiam as campanhas políticas e têm seus interesses sobrepostos aos da coletividade, graças aos políticos corruptos.

Qual sua opinião sobre a redução da jornada de trabalho?

A redução da jornada de trabalho é inevitável. As pessoas têm resistência, mas para mim isso é uma questão de bom senso, uma vez que os avanços tecnológicos e os ganhos de produtividade exigem esse repensar o trabalho. Hoje você tem uma minoria sobrecarregada com excesso de trabalho e uma grande parcela da população desesperada pela falta de emprego.

Um bom exemplo é o Estado norte-americano de Utah, que resolveu a equação estabelecendo quatro dias de trabalho, em jornadas de dez horas. Dessa maneira não houve necessidade de redução de salários e foi registrado um incremento da economia local, com o desenvolvimento da indústria cultural e de lazer. ■

6

Veja a programação completa
no site www.sescsp.org.br

Destaques da programação do SESC SP

Audiovisual: **Cena Curta**

SESC Consolação. Rua Dr. Vila Nova, 245, Vila Buarque, São Paulo. Tel.: 11-3234-3000. Sala Beta. Dias 9, 16 e 23 de junho. Quartas, às 15h e às 19h30. Grátis. Recomendável para maiores de 12 anos.

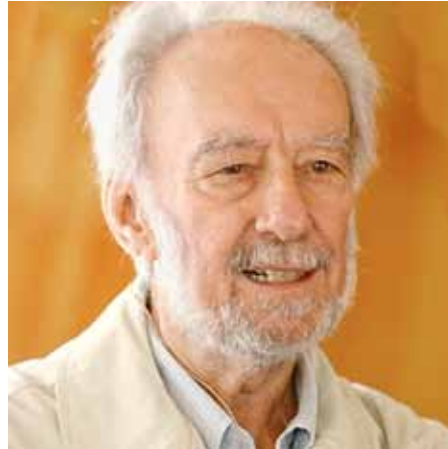
A programação do Curta Goiás traz o melhor da produção de animação e curtas-metragens goiana. Serão exibidos filmes participantes de mostras e festivais de cinema ambiental do Estado, que nos últimos anos tem se tornado referência na produção audiovisual de curtas-metragens, documentários e animações. Após as exibições dos filmes será promovido um bate-papo com Ivy Wiens, consultora do Instituto Ambiental Vid'água e do Instituto Socioambiental (ISA).

Encontros: **Homem, cidade e a co-sustentabilidade**

SESC São José dos Campos. Av. Adhemar de Barros, 999, Jardim São Dimas, São José dos Campos. Tel.: 12-3904-2000. Dia 30 de junho, quarta-feira, das 13h às 19h30. Grátis.

Especialistas abordarão os temas: "A possibilidade da sustentabilidade na metrópole", com Paula Santoro, do Instituto Pólis; "Políticas públicas de educação e meio ambiente: participação, cidadania e corresponsabilização", com Pedro Jacobi, professor da Faculdade de Educação da USP e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental; "Redes de Convivência e Cooperação", com Ana Paula Navarro, psicóloga e consultoria organizacional em Diversidade, Sustentabilidade e Ética; e "Instituto Pandavas, experiências de uma pedagogia sustentável, holística e inclusiva", com Mara Novello Gerbelli e Nilton Almeida Silva, coordenadores do centro pedagógico Casa dos Pandavas.

Marcelo Paschoal/Divulgação



Palestra: **Mídia, consumo, políticas públicas e meio ambiente**

SESC Piracicaba. Rua Ipiranga, 155, Centro, Piracicaba. Tel.: 19-3437-9292. Teatro. Dia 18 de junho, sexta-feira, às 19h. Grátis. Recomendável para maiores de 10 anos.

As relações e contradições entre mídia, consumo, políticas públicas e meio ambiente serão debatidas pelo jornalista **Washington Novaes**, especialista em temas ambientais e indígenas. A palestra abordará ainda as implicações do modo de vida contemporâneo quanto à geração e destinação de resíduos e quanto à conservação ambiental. Ingressos devem ser retirados na central de atendimento até 16 de junho.

Oficina: **Refletir para transformar: por uma cidade sustentável**

SESC Sorocaba. Biblioteca Infantil Municipal. Rua da Penha, 673, Centro. Grátis. Vagas limitadas. Inscrições antecipadas na central de atendimento do SESC. 25 de junho. Sexta-feira.

Serão debatidos os temas "Economia Solidária e Sustentabilidade", com Kelci Anne Pereira, às 14h, e "Permacultura e Bioarquitetura", com Marcelo Bueno, do Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica (Ipema), às 19h.



Paulo Pereira/Divulgação

Exposição: **Homem Refluxo: o projeto**

SESC São Carlos. Av. Comendador Alfredo Maffei, 700, Jardim Gibertoni, São Carlos. Tel.: 16-3373-2333. De 15 de junho a 4 de julho. Terça a sexta, 13h às 21h30. Sábados, domingos e feriados, das 9h30 às 18h. Corredor da Internet. Grátis.

Criado por Peri Pane, o **Homem Refluxo**, projeto-performance em que uma pessoa passa sete dias "vestindo" o lixo que produz, foi realizado em 2003 em São Paulo, em 2006 na Espanha e em 2009 na Itália. O registro de todas essas experiências, bem como a concepção do projeto, estarão expostos no SESC São Carlos por meio de vídeos, fotos, diários e esboços.

Projeto: **Arte, Ciência e Tecnologia**

SESC São Carlos. Av. Comendador Alfredo Maffei, 700, Jardim Gibertoni, São Carlos. Tel.: 16-3373-2333. De 10 de junho, quinta-feira, 19h30. Teatro. Grátis.

Lançamento do projeto [Eco Sistema]: arte, ciência e tecnologia construindo uma narrativa sobre Biodiversidade. Em parceria com a Universidade Federal de São Carlos, o Eco propõe estudar a biodiversidade a partir da perspectiva da artemídia.

SUSTENTABILIDADE NO CONTEXTO URBANO

Pedro Roberto Jacobi*

AS GRANDES METRÓPOLES BRASILEIRAS VIVEM UMA CRISE AMBIENTAL severa, como resultado de práticas gerenciais inadequadas das autoridades locais, assim como da falta de atenção, da omissão, da demora em colocar em prática ações que reduziriam os problemas crescentes e prejudiciais, que estão vinculados às seguintes questões: aumento desmesurado de enchentes, dificuldades na gestão dos resíduos sólidos e interferência crescente do despejo inadequado de resíduos sólidos, impactos cada vez maiores da poluição do ar na saúde da população e degradação dos recursos hídricos.

A dinâmica da urbanização pela expansão de áreas suburbanas produziu um ambiente urbano segregado e altamente degradado, com efeitos muito graves sobre a qualidade de vida de sua população. Espaços imprestáveis e inadequados para moradias saudáveis foram usados: 1) morros; 2) pântanos; 3) áreas de proteção aos mananciais de água doce. Além disso, essa ocupação

frequentemente consistiu em habitações pobres em áreas atendidas por escassos serviços urbanos.

Os impactos negativos do conjunto de problemas ambientais resultam principalmente da precariedade dos serviços e da omissão do poder público na prevenção das condições de vida da população, mas também é reflexo do descuido e da omissão dos próprios moradores, inclusive nos bairros mais carentes de infraestrutura, colocando em xeque aspectos de interesse coletivo.

Nas cidades, configura-se uma lógica perversa de distribuição de riscos, que afeta desigualmente a população. No Brasil metropolitano se incluem atualmente 413 municípios, nos quais vivem quase 70 milhões de habitantes. Os desafios metropolitanos que se colocam nos dias atuais são de criar as condições para assegurar uma qualidade de vida que possa ser considerada aceitável, não interferindo negativamente no meio ambiente do seu entorno e

***Pedro Roberto Jacobi** é professor titular da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da Universidade de São Paulo. Também é coordenador do TEIA/USP - Laboratório de Educação e Ambiente





Ilustração Rodrigo Cunha

agindo preventivamente para evitar a continuidade do nível de degradação, notadamente nas regiões habitadas pelos setores mais carentes.

Os problemas vêm sobretudo do processo de crescimento da megacidade, caracterizado pelo desordenado processo de periferização (através da expulsão da população de baixa renda para as zonas periféricas da cidade acentua-se a degradação ambiental em virtude do impacto da expansão desordenada), pela falta de infraestrutura adequada, pela ocupação irregular de áreas de proteção aos mananciais e das várzeas e pela necessidade de expansão dos sistemas de abastecimento de água e coleta de esgotos sanitários.

Dado o atual quadro urbano, é inquestionável a necessidade de implementar políticas públicas orientadas para tornar as cidades social e ambientalmente sustentáveis.

Os riscos contemporâneos explicitam os limites e as consequências das práticas sociais, trazendo consigo um novo elemento, a “reflexividade”. A sociedade, produtora de riscos, torna-se cada vez mais autocrítica, e ao mesmo tempo em que põe a si em perigo, reconhece os riscos que produz e reage diante disso.

No atual quadro urbano brasileiro, é inquestionável a necessidade de implementar políticas públicas orientadas para tornar as cidades social e ambientalmente sustentáveis como uma forma de se contrapor ao quadro de deterioração crescente das condições de vida nesses locais.

As experiências bem-sucedidas, tanto aquelas das administrações municipais como as da sociedade civil, mostram que ideias e ações baseadas em princípios ambientalmente sustentáveis geram

resultados que se refletem nas esferas do desenvolvimento econômico, social e ambiental. Um exemplo disso são as cooperativas de catadores de material reciclável e a multiplicação de formas de coleta seletiva de resíduos domiciliares e industriais. Outras ações se refletem em melhoria na qualidade das águas, redução do esgoto clandestino e proteção de áreas verdes e biodiversidade.

A problemática ambiental urbana representa, por um lado, um tema muito propício para aprofundar a reflexão em torno do restrito impacto das práticas de resistência e de expressão das demandas da população das áreas mais afetadas pelos constantes e crescentes agravos ambientais. Por outro, representa a possibilidade de abertura de estimulantes espaços para implementar alternativas diversificadas de democracia participativa, notadamente a garantia do acesso à informação e a consolidação de canais abertos para uma participação efetivamente plural.

O fato de a população em geral considerar que as soluções devem provir do poder público não implica apenas numa postura de dependência e de desresponsabilização da população, mas frequentemente de desinformação, da falta de consciência ambiental e de um déficit de práticas comunitárias baseadas na participação e no envolvimento dos cidadãos que propõem uma nova cultura de direitos baseados na motivação e no direito de ser copartícipes na gestão da cidade. O desafio que se coloca é o de reforçar práticas pautadas por: 1) fiscalização e monitoramento da execução de políticas públicas, 2) estímulo à corresponsabilização da população na prevenção da desordem e da degradação ambiental, e 3) desenvolvimento de campanhas de educação ambiental e de informação à sociedade.


Embora, em geral, a população mostre pouca predisposição para as práticas comunitárias, é preciso

ênfase nos estímulos às mudanças de comportamento, corresponsabilização e colaboração através de um agente nucleador – a ação governamental.


A administração de riscos ambientais coloca a necessidade de ampliar o envolvimento público através de iniciativas que possibilitem uma elevação do nível de consciência ambiental dos moradores garantindo acesso à informação e a consolidação institucional de canais abertos para a participação numa perspectiva pluralista.

A possibilidade de maior acesso à informação, notadamente dos grupos sociais mais excluídos, pode potencializar mudanças comportamentais necessárias, orientadas para a defesa de questões vinculadas ao interesse geral. Cidadãos bem informados, ao se assumirem enquanto atores relevantes, têm mais condições de pressionar autoridades e poluidores, assim como de se motivar para ações de corresponsabilização e participação comunitária.

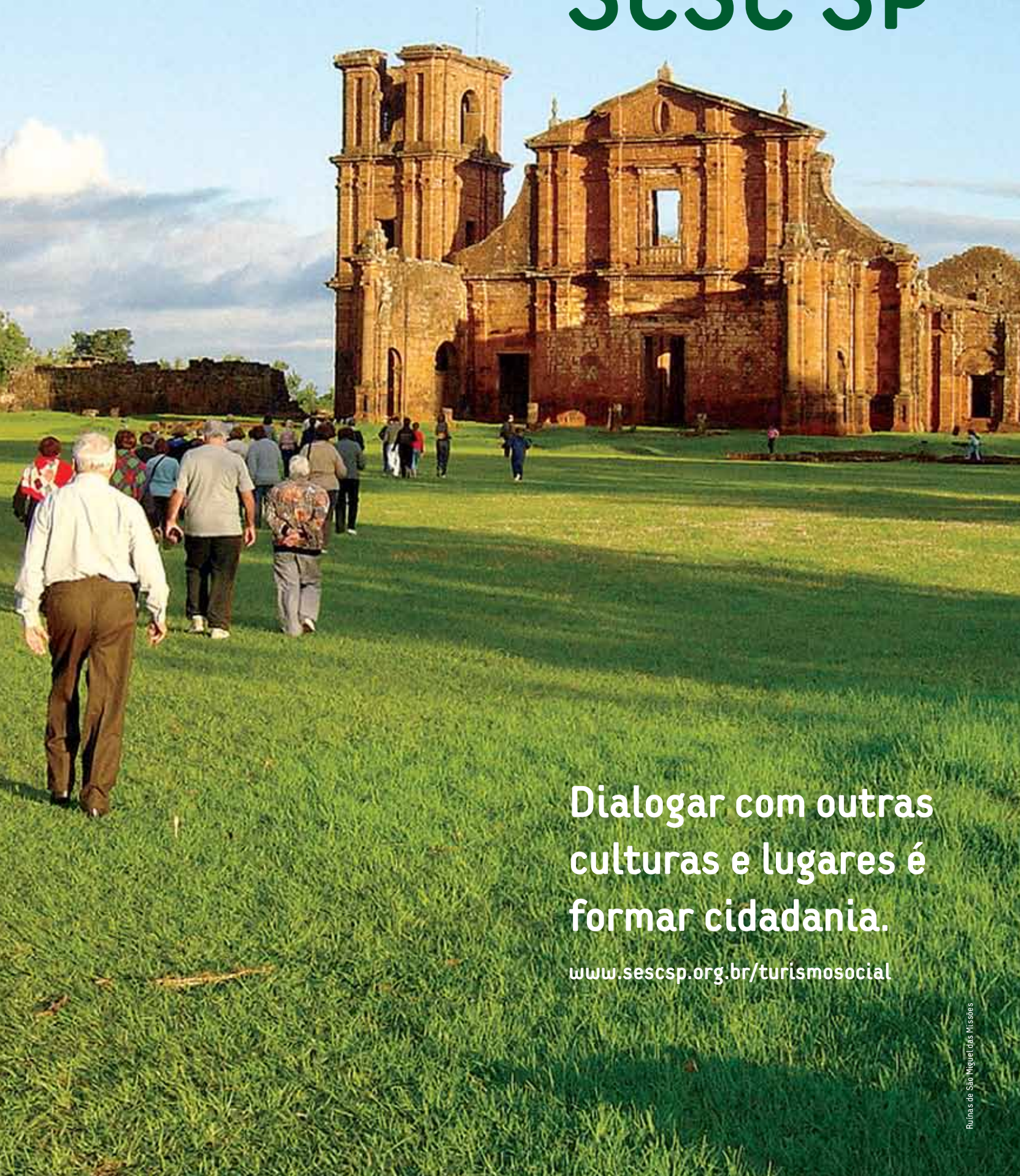
A participação assume um papel cada vez mais relevante na denúncia das contradições entre os interesses privados e os interesses públicos, entre os bens públicos e os bens privados, entre uma cultura da desesperança que busca benefício atual e desvaloriza o futuro face à construção de uma cidadania ambiental que supere a crise de valores e identidade e proponha uma outra, com base em valores de sustentabilidade. Isso potencializa a ampliação da consciência ambiental e sua tradução em ações efetivas de uma população organizada e informada de maneira correta, que está preparada para conhecer, entender, reclamar seus direitos e também de exercer sua responsabilidade. Pessoas cidadãs críticas e conscientes compreendem, se interessam, reclamam e exigem seus direitos ambientais do setor social correspondente, e por sua parte estão dispostas a exercer sua responsabilidade ambiental. ■



O fato de a população em geral considerar que as soluções devem provir do poder público não implica apenas numa postura de dependência, mas frequentemente de desinformação, da falta de consciência ambiental



TURISMO SOCIAL SESC SP



Dialogar com outras
culturas e lugares é
formar cidadania.

www.sescsp.org.br/turismosocial

Educação para a Sustentabilidade

**Ideias e ações
promovem cidades
sustentáveis.**

www.sescsp.org.br

Isabel D'Elia

ISSN 2177369



9 772177 369044 02

SESCSP